1844 NATHANIEL HAWTHORNE

A Filha de Rappaccini



TRADUÇÃO DE CLÁUDIA MELLO BELHASSOF

CONTOS DO ASSOMBRO

SRL

Sociedade das Relíquias Literárias

BY EDITORA WISH

Tradução:
Cláudia Mello Belhassof

Preparação:
Cristina Lasaitis

Revisão:
Karine Ribeiro

Capa e projeto gráfico:
Marina Avila

Ilustração de capa:
Caroline Murta

2020

Copyright 2020 Editora Wish. Este material possui direitos de tradução e publicação e não pode ser distribuído ou divulgado sem prévia autorização da editora.



NOVELETA ESPECIAL DE Halloween

Uma viagem soturna à Itália medieval tendo como cenário um jardim repleto de plantas venenosas!

A Filha de Rappaccini

Nathaniel Hawthorne, 1844

Muito tempo atrás, um jovem chamado Giovanni Guasconti saiu da região mais meridional da Itália para estudar na Universidade de Pádua[1].

1 O conto foi publicado em 1844, período anterior à unificação da Itália. Nessa época, Pádua pertencia ao Reino Lombardo-Vêneto, enquanto Nápoles, cidade de origem

Giovanni, que tinha um suprimento escasso de ducados de ouro na algibeira, hospedou-se em um aposento alto e soturno de uma antiga construção que parecia digna de ter sido o palácio de um nobre de Pádua e que, de fato, exibia sobre a entrada o brasão de uma família extinta havia muito tempo. O jovem forasteiro, que conhecia o grande poema de seu país, lembrou-se que um dos antepassados dessa família, e talvez ocupante desta mesma mansão, ti-

---

do protagonista Giovanni, pertencia ao Reino das Duas Sicílias — daí sua menção como a região mais meridional da Itália. [N.R.]

nha sido retratado por Dante como personagem das agonias imortais de seu Inferno. Essas lembranças e associações, aliadas a uma tendência à melancolia, natural a um jovem que saía pela primeira vez de sua esfera nativa, levaram Giovanni a soltar suspiros profundos ao passar os olhos no aposento desolado e mal mobiliado.

— Virgem Santa, *signor!* — exclamou a velha dona Lisabetta, que, encantada com a extraordinária beleza do jovem, estava se esforçando gentilmente para dar ao aposento

um aspecto habitável. — Que suspiro é esse que sai do coração de um jovem? Esta velha mansão lhe parece soturna? Pelo amor de Deus, então, vá até a janela e verá um sol tão luminoso quanto o que deixou em Nápoles.

Guasconti seguiu mecanicamente o conselho da velha, mas não concordou que a luz do sol de Pádua fosse tão exuberante quanto a da Itália meridional. No entanto, ela iluminava um jardim sob a janela e estendia suas influências benéficas por uma enorme

variedade de plantas que pareciam ter sido cultivadas com todo o cuidado.

— Esse jardim faz parte da casa? — perguntou Giovanni.

— Deus me livre, *signor*, a menos que fosse fértil para ervas melhores do que as que crescem lá agora — respondeu a velha Lisabetta. — Não, esse jardim é cultivado pelas mãos do *signor* Giacomo Rappaccini, o famoso médico, que, posso garantir, é conhecido até mesmo em Nápoles. Dizem que ele destila dessas plantas medicamentos tão potentes quanto um feitiço. Muitas vezes você verá o

signor doutor trabalhando e talvez também a *signora*, filha dele, colhendo as flores estranhas que crescem no jardim.

A velha já tinha feito o que podia pelo aspecto do aposento; e, pedindo a proteção dos santos para o jovem, retirou-se.

Giovanni não tinha uma ocupação melhor do que olhar para o jardim sob a janela. Pela aparência, julgou ser um daqueles jardins botânicos mais antigos em Pádua do que em qualquer outro lugar da Itália ou do mundo. Tampouco era improvável

que tivesse sido o lugar de recreação de uma família rica, já que havia escombros de uma fonte de mármore no centro, esculpida com uma arte rara, mas tão desoladoramente despedaçada que era impossível identificar a estrutura original em meio ao caos dos fragmentos restantes. A água, no entanto, continuava a jorrar e cintilar sob os raios de sol com a mesma alegria de sempre. Um burburinho suave subiu até a janela do jovem e deu-lhe a impressão de que a fonte era um espírito imortal que entoava sua canção sem parar e sem levar em conta as vicissitudes ao redor, enquanto um

século o incorporara em mármore e outro o despedaçara e espalhara a decoração perecível pelo chão. Ao redor do tanque para onde a água escorria, cresciam diversas plantas que pareciam exigir um suprimento farto de umidade para nutrir folhas gigantescas e, em alguns casos, flores admiravelmente magníficas.

Havia um arbusto específico, plantado em um vaso de mármore perto do tanque, que ostentava uma profusão de flores roxas, cada uma com o lustre e a riqueza de uma pedra preciosa; e o conjunto exibia um espetáculo tão

resplandecente que parecia suficiente para iluminar o jardim, embora não houvesse nenhuma luz do sol. Cada pedacinho do solo era povoado de plantas e ervas que, embora fossem menos bonitas, ainda apresentavam sinais de um cuidado assíduo, como se todas tivessem virtudes individuais, conhecidas pela mente científica que cuidava delas. Algumas foram colocadas em urnas, ricas com entalhes antigos, e outras em vasos comuns de jardim; algumas rastejavam como serpentes pelo solo ou escalavam até as alturas, usando qualquer meio de ascensão que lhes era oferecido. Uma

planta tinha se enroscado ao redor de uma estátua de Vertumno, que acabou ficando totalmente escondida e envolta em uma cortina de folhagens penduradas, arrumadas com tanta propriedade que poderia servir de estudo para um escultor.

Enquanto Giovanni estava na janela, ouviu um farfalhar atrás de uma cortina de folhas e percebeu que havia uma pessoa trabalhando no jardim. O vulto logo apareceu e revelou que não era um trabalhador comum, mas um homem alto, macilento, pálido e com aparência de doente, vestido

com uma túnica preta de acadêmico. Tinha passado da meia-idade, com os cabelos e a barba rala grisalhos, o rosto marcado pela inteligência e pela cultura, mas que jamais, mesmo em seus dias de juventude, poderia expressar muita cordialidade.

Nada superava a dedicação com que esse jardineiro cientista examinava cada arbusto que crescia em seu caminho. Parecia que ele estava perscrutando sua natureza mais íntima, fazendo observações sobre sua essência criativa e descobrindo por que uma folha crescia com essa forma

e outra com aquela e por que motivo essas e aquelas flores se distinguiam entre si nos quesitos de cor e perfume. No entanto, apesar dessa profunda inteligência da parte dele, não havia nenhuma abordagem íntima entre ele e aquelas vidas vegetais. Pelo contrário, ele evitava tocar nelas e aspirar diretamente seus odores com uma cautela que impressionou Giovanni da maneira mais desagradável. A atitude daquele homem era, na verdade, a de alguém andando em meio a influências maléficas, como feras selvagens ou serpentes mortíferas ou espíritos malignos, que, se ele lhes

permitisse um instante de liberdade, derramariam sobre ele uma fatalidade terrível. Era estranhamente aterrador para a imaginação do jovem ver esse ar de insegurança em uma pessoa que cultivava um jardim, a mais simples e inocente das labutas humanas e que tinha sido a alegria e o trabalho dos pais da raça humana antes da sua queda. Seria, então, aquele jardim o Éden do mundo atual? E esse homem, com tamanha percepção da maldade daquilo que suas próprias mãos fizeram crescer: seria ele Adão?

O jardineiro receoso, enquanto arrancava as folhas mortas ou podava o crescimento exuberante dos arbustos, protegia as próprias mãos com um par de luvas grossas. Mas essa não era sua única armadura. Quando, na caminhada pelo jardim, ele se deparou com a magnífica planta que deixava pender as pedras preciosas roxas ao lado da fonte de mármore, colocou uma espécie de máscara sobre a boca e as narinas, como se aquela beleza fosse capaz de disfarçar a malícia mais mortífera. Mas, considerando essa tarefa ainda perigosa demais, ele recuou, tirou a máscara e chamou

bem alto, mas com a voz debilitada de uma pessoa afetada por uma doença interior:

— Beatrice! Beatrice!

— Estou aqui, meu pai. O que deseja? — gritou uma voz agradável e jovial na janela da casa ao lado: uma voz tão agradável quanto um pôr do sol tropical e que fez Giovanni, embora não soubesse por quê, pensar em tonalidades profundas de roxo ou escarlate e em perfumes muito prazíveis. — O senhor está no jardim?

— Estou, Beatrice — respondeu o jardineiro —, e preciso da sua ajuda.

Logo apareceu ali, vinda de baixo de um pórtico esculpido, a silhueta de uma jovem, dotada de tanto bom gosto quanto a mais esplêndida das flores, linda como o dia e com um desabrochar tão profundo e intenso que uma cor a mais seria excessiva. Parecia transbordar vida, saúde e energia. Todos esses atributos estavam atados e comprimidos, por assim dizer, e cingidos tensamente, em sua abundância, pela faixa na cintura. Mas a fantasia de Giovanni deve ter ficado mórbida enquanto ele olhava para o jardim, pois a impressão que a bela desconhecida lhe passou foi

de que ela era mais uma flor, a irmã humana daquelas vegetais, tão linda quanto elas, mais linda que a mais esplêndida delas, mas que só podia ser tocada com uma luva e da qual ninguém podia se aproximar sem uma máscara. Enquanto Beatrice caminhava pela aleia do jardim, era possível observar que ela manuseava e inalava o aroma de várias plantas que o pai tinha meticulosamente evitado.

— Aqui, Beatrice — disse ele —, veja quantos cuidados indispensáveis precisam ser ministrados ao nosso maior tesouro. Mas, debilitado como

estou, eu poderia pagar com a vida se me aproximasse tanto dele quanto as circunstâncias exigem. Receio que, daqui por diante, essa planta tenha que ser confiada unicamente aos seus cuidados.

— E eu realizarei a tarefa com alegria — exclamou mais uma vez a jovem com sua entonação vibrante, enquanto se inclinava em direção à planta magnífica e abria os braços como se fosse abraçá-la. — Sim, minha irmã, meu esplendor, será de Beatrice a tarefa de cuidá-la e servir-lhe, e você a recompensará com seus beijos e

seu hálito perfumado, que, para ela, é como o sopro da vida.

Então, com toda a ternura nos modos que era tão evidentemente expressa por suas palavras, ela se ocupou com os cuidados que a planta parecia exigir; e Giovanni, na janela do seu aposento alto, esfregou os olhos e quase duvidou se era uma moça cuidando de sua flor preferida ou uma irmã desempenhando seus deveres de afeto em relação à outra. A cena logo terminou. Quer o dr. Rappaccini tivesse terminado suas funções no jardim ou seu olhar cau-

teloso tivesse capturado o rosto do desconhecido, ele pegou a filha pelo braço e retirou-se. A noite estava se aproximando. Exalações opressivas pareciam escapar das plantas e subir passando pela janela aberta. Giovanni, fechando a treliça, foi até seu sofá e sonhou com uma flor exuberante e uma moça formosa. A flor e a moça eram diferentes, mas eram idênticas, e repletas de um estranho perigo nas duas formas.

Mas há uma influência na luz da manhã que tende a retificar quaisquer erros da imaginação ou até mesmo

do julgamento no qual podemos ter incorrido ao longo do pôr do sol ou em meio às sombras da noite ou na claridade menos salutar do luar. O primeiro movimento de Giovanni ao acordar foi abrir a janela de súbito e olhar para o jardim que seus sonhos tornaram tão fecundo de mistérios. Ele ficou surpreso e um pouco envergonhado ao descobrir como o jardim provou ser algo real e prosaico sob os primeiros raios do sol que douravam as gotas de orvalho penduradas nas folhas e flores e, embora concedesse uma beleza mais luminosa a cada flor rara, levava tudo aos limites da expe-

riência cotidiana. O jovem exultou porque, no coração da cidade estéril, ele tinha o privilégio de contemplar aquele recanto de vegetação adorável e abundante. Serviria, disse para si mesmo, como uma linguagem simbólica para mantê-lo em comunhão com a natureza. Nem o dr. Giacomo Rappaccini, doente e cansado de pensar, é verdade, nem sua filha brilhante estavam visíveis naquele momento. Desse modo, Giovanni não conseguia determinar o quanto da singularidade que ele atribuía a ambos era relacionada às qualidades dos dois e o quanto era sua fantasia criativa, mas

ele estava inclinado a formar uma opinião mais racional em relação à questão toda.

No mesmo dia, ele se apresentou ao *signor* Pietro Baglioni, professor de medicina na universidade, médico de reputação elevada, a quem Giovanni tinha levado uma carta de apresentação. O professor era um personagem idoso, aparentemente de natureza cordial e com hábitos que quase podiam ser chamados de joviais. Ele convidou o jovem para jantar e se mostrou muito cordato com a liberdade e a vivacidade da conversa, especialmente depois de

aquecida por uma garrafa ou duas de vinho toscano. Giovanni, pensando que homens da ciência, moradores da mesma cidade, deveriam ter um relacionamento próximo e informal, aproveitou a oportunidade para mencionar o nome do dr. Rappaccini. Mas o professor não reagiu com a cordialidade que ele havia previsto.

— Não seria apropriado um professor da divina arte da medicina — disse o professor Pietro Baglioni, em resposta a uma pergunta de Giovanni — se negar a fazer um elogio adequado e bem-fundamentado a um médico

tão habilidoso quanto Rappaccini; mas, por outro lado, eu não estaria obedecendo à minha consciência se permitisse que um jovem digno como você, *signor* Giovanni, filho de um velho amigo, alimentasse ideias errôneas a respeito de um homem que poderia, no futuro, ter sua vida e sua morte nas mãos dele. A verdade é que nosso honrado dr. Rappaccini tem tanta sabedoria quanto qualquer membro da academia, talvez com uma única exceção em Pádua ou em toda a Itália; mas há algumas objeções graves à sua reputação profissional.

— E quais são? — perguntou o jovem.

— Meu amigo Giovanni tem alguma doença no corpo ou no coração, para ser tão curioso em relação a médicos? — indagou o professor com um sorriso. — Mas, quanto a Rappaccini, dizem que ele se importa infinitamente mais com a ciência do que com a humanidade; e eu, que conheço bem o homem, posso afirmar que é verdade. Os pacientes só interessam a ele como cobaias de um novo experimento. Ele sacrificaria a vida humana, até mesmo a própria ou a de alguém que

lhe fosse muito caro, para acrescentar um grão de mostarda ao acervo de seu conhecimento acumulado.

— Acredito que ele seja de fato um homem repugnante — observou Guasconti, lembrando-se do aspecto frio e puramente intelectual de Rappaccini. — Mas, apesar disso, respeitável professor, ele não é um espírito nobre? Existem tantos homens assim capazes de um amor tão espiritual pela ciência?

— Deus nos livre — respondeu o professor, um tanto irritado. — A menos que eles tenham visões mais

sensatas da arte da cura do que as adotadas por Rappaccini. É dele a teoria de que todas as virtudes medicinais estão contidas nas substâncias que chamamos de venenos vegetais. Ele os cultiva com as próprias mãos, e dizem que até produziu novas variedades de veneno, mais terrivelmente destrutivas do que aquelas com as quais a natureza, sem o auxílio dessa pessoa erudita, jamais teria infestado o mundo. É inegável o fato de que esse *signor* doutor provoca menos danos com essas substâncias perigosas do que se esperaria. Vez por outra, precisamos reconhecer, ele realizou ou

pareceu realizar uma cura milagrosa. Mas, para lhe dar minha opinião sincera, *signor* Giovanni, ele deveria receber pouco crédito por esses exemplos de sucesso, pois provavelmente são produto do acaso, e deveria ser exemplarmente responsabilizado pelos seus fracassos, que merecem ser reconhecidos como o trabalho dele.

O jovem teria aceitado as opiniões de Baglioni com alguma prudência se soubesse que havia uma batalha profissional de longa duração entre ele e o dr. Rappaccini, na qual este geralmente parecia ter levado van-

tagem. Se o leitor estiver inclinado a julgar por si mesmo, podemos indicar certos panfletos impressos com letras góticas em ambos os lados, preservados pelo departamento médico da Universidade de Pádua.

— Não sei, egrégio professor — retrucou Giovanni, depois de refletir sobre o que fora dito sobre o zelo singular de Rappaccini pela ciência —, não sei o quanto esse médico pode amar sua arte; mas certamente há um objeto que lhe é mais caro. Ele tem uma filha.

— Ah! — exclamou o professor com uma risada. — Quer dizer que o segredo do nosso amigo Giovanni foi revelado. Você ouviu falar da filha dele, pela qual todos os jovens de Pádua enlouquecem, embora nem meia dúzia deles tenham tido a sorte de ver seu rosto. Sei pouco sobre a *signora* Beatrice, exceto que dizem que Rappaccini a instruiu profundamente na sua ciência e que, apesar de jovem e linda como relata a fama, ela já é qualificada para assumir uma cátedra de professora. Talvez o pai a destine para a minha! Existem outros boatos absurdos, que não valem

a pena mencionar nem dar ouvidos. Portanto, *signor* Giovanni, beba sua taça de Lacryma Christi.

Guasconti retornou aos seus aposentos um tanto inflamado pelo vinho que tinha saboreado e que fez seu cérebro mergulhar em estranhas fantasias relacionadas ao dr. Rappaccini e à bela Beatrice. No caminho, passando por acaso por um florista, comprou um ramalhete de flores frescas.

Subindo para os aposentos, sentou-se perto da janela, mas escondido na sombra lançada pela parede, de modo a conseguir olhar para o jar-

dim lá embaixo com menos risco de ser descoberto. Tudo sob seu olhar estava ermo. As plantas estranhas estavam se deleitando sob o sol, e de vez em quando davam um aceno delicado umas para as outras, como testemunho de afinidade e parentesco. No meio, perto da fonte dilapidada, crescia o magnífico arbusto, com suas pedras preciosas roxas cobrindo-o de cachos. Elas reluziam ao relento e sua imagem cintilava refletida das profundezas do tanque, que parecia transbordar a resplandescência colorida graças ao suntuoso reflexo do qual estava impregnado. No início,

como dissemos, o jardim estava ermo. Em pouco tempo, no entanto, como Giovanni meio que esperava e meio que temia acontecesse, uma silhueta apareceu sob o antigo pórtico esculpido e caminhou por entre as fileiras de plantas, inalando os diversos perfumes como se fosse um daqueles seres de antigas fábulas clássicas que viviam de doces aromas. Ao ver Beatrice mais uma vez, o jovem ficou até surpreso ao perceber como sua beleza excedia a lembrança que tinha dela; tão brilhante, tão vívida era sua silhueta que ela refulgia sob a luz do sol e, como Giovanni sussurrou para si

mesmo, iluminava positivamente os espaços mais sombreados da aleia do jardim. Com o rosto dela se revelando mais agora do que na ocasião anterior, ele ficou abalado com a expressão de simplicidade e doçura, qualidades que não tinham sido consideradas na ideia que ele fazia da sua personalidade e que o fez refletir mais uma vez sobre que tipo de ser mortal ela seria. Ele não deixou de observar de novo – ou imaginar – uma analogia entre a bela moça e o arbusto suntuoso com suas flores parecidas com pedras preciosas penduradas sobre a fonte: uma semelhança que Beatrice parecia ter se

dedicado a realçar tanto pelo arranjo de suas vestes quanto pela escolha de suas cores.

Aproximando-se do arbusto, ela abriu os braços com um ardor apaixonado e deu um abraço íntimo nos ramos – tão íntimo que seu rosto ficou escondido no âmago folhoso e seus cachos reluzentes se misturaram às flores.

— Dê-me seu sopro, minha irmã — exclamou Beatrice —, pois estou fraca com o ar comum. E dê-me essa sua flor, que separo da haste com os

dedos mais delicados e pouso junto ao meu coração.

Com essas palavras, a bela filha de Rappaccini colheu uma das flores mais bonitas do arbusto e estava prestes a prendê-la junto ao peito. Mas, a menos que os goles de vinho de Giovanni tivessem desnorteado seus sentidos, um incidente singular aconteceu. Um pequeno réptil cor de laranja, da espécie dos lagartos ou dos camaleões, estava passando pela aleia, bem aos pés de Beatrice. Pareceu a Giovanni – mas, da distância de onde estava, mal dava para ver alguma

coisa tão insignificante – pareceu a ele, no entanto, que uma gota, talvez duas, do líquido que escorria da haste quebrada da flor tinha pingado na cabeça do lagarto. Por um instante, o réptil se contorceu violentamente e, em seguida, ficou estirado, imóvel, sob a luz do sol. Beatrice observou aquele fenômeno fora do comum e fez o sinal da cruz, triste, mas não surpresa; também não hesitou em ajeitar a flor fatal no decote. Ali ela desabrochou e reluziu quase com o efeito ofuscante de uma pedra preciosa, acrescentando às vestes e ao aspecto da donzela um encanto oportuno que mais nada no

mundo poderia ter proporcionado. Mas Giovanni, saindo das sombras da janela, inclinou-se para a frente e recuou, murmurando e tremendo.

— Estou acordado? Estou em meu juízo perfeito? — indagou a si mesmo. — O que é esse ser? Devo chamá-la de bela ou de indescritivelmente terrível?

Beatrice agora passeava descuidada pelo jardim, se aproximando mais da janela de Giovanni, de modo que ele foi obrigado a sair do esconderijo para satisfazer a curiosidade intensa e dolorosa que ela provocava. Naquele momento, surgiu um lindo

inseto sobre o muro do jardim; tinha, talvez, vagado pela cidade sem encontrar flores e folhagens por entre aquelas habitações antigas dos homens até que os intensos perfumes dos arbustos do dr. Rappaccini o tinham atraído de longe. Sem pousar nas flores, aquele esplendor alado pareceu atraído por Beatrice e parou no ar e esvoaçou sobre a cabeça dela. Bem, os olhos de Giovanni Guasconti não podiam mais estar enganando a si mesmos. De qualquer maneira, parecia que, enquanto Beatrice olhava para o inseto com enlevo pueril, o bicho perdeu as forças e caiu aos pés

dela; suas asas brilhantes estremeceram. Estava morto, sem nenhuma causa que pudesse ser identificada, a menos que fosse a atmosfera do hálito dela. Mais uma vez, Beatrice fez o sinal da cruz e suspirou pesadamente enquanto se inclinava sobre o inseto morto.

Um movimento impulsivo de Giovanni atraiu os olhos dela para a janela. Ali ela viu a bela cabeça do jovem – uma cabeça mais grega do que italiana, com feições bem-feitas e formosas e um reflexo de ouro nos cachos – olhando para ela lá embaixo

como um ser que pairava no ar. Mal sabendo o que estava fazendo, Giovanni jogou o ramalhete que estava segurando até aquele momento.

— *Signora* — disse ele —, estas flores são puras e saudáveis. Use-as em consideração a Giovanni Guasconti.

— Obrigada, *signor* — respondeu Beatrice com sua voz vibrante, emitida como um jorro musical, e com uma expressão feliz, metade criança e metade mulher. — Aceito seu presente e retribuo de bom grado com esta preciosa flor roxa; mas, se eu jogá-la para o alto, ela não vai alcançá-lo. Portanto,

o *signor* Guasconti deve se contentar apenas com a minha gratidão.

Ela pegou o ramalhete do chão e, como se estivesse intimamente envergonhada por ter deixado de lado sua timidez virginal para responder ao cumprimento de um desconhecido, atravessou rapidamente o jardim em direção à sua casa. Mas, mesmo em poucos segundos, como pareceu a Giovanni, quando ela estava quase desaparecendo sob o pórtico esculpido, o belo ramalhete já estava começando a murchar na mão dela. Era um pensamento sem propósito;

não havia a menor possibilidade de distinguir uma flor murcha de uma fresca de tão longe.

Durante muitos dias depois desse incidente, o jovem evitou a janela que dava para o jardim do dr. Rappaccini, como se alguma coisa horrível e monstruosa pudesse amaldiçoar sua visão se ele cedesse à tentação de olhar. Ele estava consciente de ter se colocado, até certo ponto, sob a influência de um poder incompreensível por causa da comunicação que tinha iniciado com Beatrice. O caminho mais sensato teria sido, se seu cora-

ção estivesse em perigo de verdade, sair imediatamente da hospedaria e de Pádua; o segundo caminho mais sábio teria sido acostumar-se, até onde fosse possível, à visão familiar e diurna de Beatrice – levando-a rígida e sistematicamente aos limites de uma experiência comum. O que Giovanni não deveria ter feito, enquanto evitava vê-la, era ter ficado tão perto desse ser extraordinário, já que a proximidade e até mesmo a possibilidade de interação poderiam dar substância e realidade às loucas divagações que sua imaginação se rebelava continuamente ao gerar. Guasconti não tinha

um coração profundo – ou, em todo caso, suas profundezas não eram sólidas naquele momento –, mas tinha uma imaginação rápida e um ardente temperamento meridional, que a cada instante ficava um grau mais febril. Se Beatrice tinha ou não aqueles atributos terríveis, aquele hálito fatal, a afinidade com aquelas flores tão lindas e tão mortíferas, como apontava o que Giovanni tinha testemunhado, no mínimo ela havia instilado um veneno brutal e sutil no organismo dele. Não era amor, embora a beleza estonteante dela fosse uma loucura para ele; nem pavor, mesmo quando

ele imaginava que o espírito dela era imbuído da mesma essência funesta que parecia permear sua constituição física. Era um rebento selvagem de amor e pavor ao mesmo tempo, que continha o pai e a mãe e ardia como um e tremia como o outro. Giovanni não sabia o que temer e menos ainda o que esperar, mas a esperança e o medo travavam uma batalha constante no seu peito, derrotando um ao outro alternadamente e reerguendo-se para reviver o conflito. Abençoadas sejam todas as emoções simples, sejam elas sombrias ou luminosas! É a mistura

fúnebre das duas que gera a chama reluzente das regiões do inferno.

Às vezes, ele tentava aliviar a febre do seu espírito com uma caminhada rápida pelas ruas de Pádua ou além de seus portões: seus passos eram sincronizados com o ritmo da pulsação do cérebro, de modo que a caminhada acabava acelerando e virando uma corrida. Certo dia, alguém o fez parar: seu braço foi agarrado por um personagem corpulento que tinha se virado ao reconhecer o jovem e gastado muito fôlego para conseguir alcançá-lo.

— *Signor* Giovanni! Pare, meu jovem amigo! — gritou ele. — Esqueceu de mim? Isso poderia acontecer se eu estivesse tão diferente quanto você.

Era Baglioni, que Giovanni vinha evitando desde o primeiro encontro, achando que a sagacidade do professor poderia enxergar profundamente os segredos dele. Tentando se recuperar, ele disparou um olhar desvairado do seu mundo interior para o exterior e falou como um homem perdido em sonhos.

— Sim, sou Giovanni Guasconti. Você é o professor Pietro Baglioni. Agora me deixe passar!

— Ainda não, ainda não, *signor* Giovanni Guasconti — disse o professor, sorrindo, mas ao mesmo tempo analisando o jovem com um olhar penetrante. — O quê? Eu cresci lado a lado com o seu pai! E o filho dele vai me considerar um desconhecido nestas antigas ruas de Pádua? Fique parado, *signor* Giovanni, pois precisamos trocar umas palavras antes de nos afastarmos.

— Seja rápido, então, nobre professor, seja rápido — disse Giovanni com uma impaciência ardente. — O nobre professor não vê que estou com pressa?

Enquanto ele estava falando, um homem vestido de preto se aproximou, encurvado e se movendo devagar, como uma pessoa com a saúde debilitada. Seu rosto estava todo coberto com uma tonalidade doentia e amarelada, mas tão impregnado com uma expressão de intelecto pungente e ativo que um observador poderia facilmente ter ignorado os atributos

meramente físicos e ter visto apenas essa energia maravilhosa. Ao passar por eles, essa pessoa trocou um cumprimento frio e distante com Baglioni, mas fixou o olhar em Giovanni com uma determinação que parecia trazer à tona tudo que valia a pena notar nele. No entanto, havia uma tranquilidade peculiar naquele olhar, como se assumisse um interesse meramente especulativo, e não humano, no jovem.

— É o dr. Rappaccini! — sussurrou o professor depois que o desconhecido passou. — Ele já tinha visto o seu rosto?

— Não que eu saiba — respondeu Giovanni, se assustando ao ouvir o nome.

— Ele o viu, SIM! Ele deve tê-lo visto! — disse Baglioni apressadamente. — Por algum motivo qualquer, esse homem da ciência está fazendo um estudo sobre você. Eu conheço aquele olhar! É o mesmo que ilumina friamente o rosto dele quando se inclina sobre um pássaro, um rato ou uma borboleta, que, para executar um experimento, ele matou com o perfume de uma flor; um olhar tão profundo quanto a própria natureza,

mas sem a ternura do amor da natureza. *Signor* Giovanni, posso apostar a minha vida que você é a cobaia de um dos experimentos de Rappaccini!

— Está pensando que sou tolo? — exclamou Giovanni de um jeito acalorado. — ISSO, sim, *signor* professor, seria um experimento perverso.

— Paciência! Paciência! — retrucou o professor, inabalável. — Eu lhe digo que Rappaccini tem um interesse científico em você, meu pobre Giovanni. Você caiu em mãos temerosas! E a *signora* Beatrice, que papel desempenha nesse mistério?

Mas Guasconti, achando intolerável a tenacidade de Baglioni, afastou-se nesse momento e sumiu antes que o professor conseguisse segurar seu braço mais uma vez. Ele olhou para o jovem com determinação e balançou a cabeça.

— Isso não pode acontecer — disse Baglioni para si mesmo. — O jovem é filho do meu velho amigo e não pode sofrer nenhum mal do qual os arcanos da ciência médica possam preservá-lo. Além do mais, é uma impertinência insuportável demais da parte de Rappaccini arrancar o rapaz

das minhas mãos, digamos assim, e fazer uso dele em seus experimentos infernais. Aquela filha dele! Isso precisa ser investigado. É possível, egrégio Rappaccini, que eu o derrote onde você menos espera!

Enquanto isso, Giovanni tinha percorrido uma rota sinuosa e finalmente tinha chegado à porta de sua hospedaria. Ao atravessar o solado da porta, foi recebido pela velha Lisabetta, cheia de mesuras e sorrisos, que evidentemente desejava atrair sua atenção, mas foi em vão, já que a ebulição dos sentimentos dele tinha

cedido momentaneamente a um vazio frio e tedioso. Ele encarou o rosto encarquilhado que estava se contraindo em um sorriso, mas pareceu não o perceber. A velha senhora, então, agarrou o casaco dele.

— *Signor! Signor!* — sussurrou ela, ainda com um sorriso atravessado no rosto todo, de modo que não parecia muito diferente de uma escultura grotesca em madeira, escurecida pelos séculos. — Escute, *signor!* Há uma entrada secreta para o jardim!

— O que está dizendo? — exclamou Giovanni, virando-se rapidamente,

como se uma coisa inanimada tivesse criado uma vida intensa. — Uma entrada secreta para o jardim do dr. Rappaccini?

— Shh! Shh! Não fale tão alto! — sussurrou Lisabetta, colocando a mão sobre a boca do jovem. — Sim, para o jardim do honorável doutor, onde o senhor poderá ver todas as plantas. Muitos jovens em Pádua dariam ouro para serem admitidos no meio daquelas flores.

Giovanni colocou uma moeda de ouro na mão dela.

— Mostre-me o caminho — disse ele.

Uma suspeita, provavelmente estimulada pela conversa com Baglioni, atravessou sua mente, de que essa mediação da velha Lisabetta talvez pudesse estar ligada à intriga, qualquer que fosse sua natureza, na qual o professor parecia supor que o dr. Rappaccini o estava envolvendo. Mas essa suspeita, embora perturbasse Giovanni, não foi suficiente para detê-lo. No instante em que ele percebeu a possibilidade de se aproximar de Beatrice, pareceu que essa

era uma necessidade imperiosa para a existência dele. Não importava se ela era um anjo ou um demônio; ele estava irrevogavelmente envolvido na esfera dela e precisava obedecer à lei que o fez remoinhar em frente, em círculos cada vez mais estreitos, em direção a um resultado que nem tentou prever. E, ainda assim, por mais estranho que pareça, ocorreu-lhe uma dúvida súbita se esse interesse intenso não era ilusório; se era realmente uma natureza tão profunda e positiva que justificasse ele agora se jogar numa situação incalculável; se não era apenas a fantasia do cérebro

de um jovem, apenas levemente conectado ou totalmente desconectado do seu coração.

Ele parou, hesitou, deu meia-volta, mas depois prosseguiu. Sua guia encarquilhada o conduziu por várias passagens obscuras e finalmente destrancou uma porta, através da qual, depois de aberta, vieram a visão e o som de folhagens farfalhando com a luz do sol recortada por entre elas. Giovanni deu um passo à frente e, forçando a passagem através do emaranhado de um arbusto que trançava suas gavinhas sobre a entrada

secreta, ficou sob sua própria janela na área descoberta do jardim do dr. Rappaccini.

Com que frequência acontece de, quando as impossibilidades são superadas e os sonhos condensam sua substância nebulosa em realidades tangíveis, nos vermos calmos, e até mesmo friamente controlados, em meio a circunstâncias cuja previsão seria um delírio de felicidade ou de angústia? O destino se deleita em nos frustrar dessa maneira. A paixão escolhe seu próprio tempo para se lançar no palco e se atrasa moro-

samente quando uma combinação adequada de eventos parece invocar sua aparição. Era o que estava acontecendo agora com Giovanni. Dia após dia suas veias tinham pulsado com o sangue febril à ideia improvável de uma conversa com Beatrice e de estar com ela, cara a cara, naquele mesmo jardim, aquecendo-se no sol oriental da beleza dela e roubando do seu olhar o mistério que ele considerava ser o enigma da sua própria existência. Mas agora existia uma tranquilidade esquisita e inoportuna no seu peito. Ele deu uma olhada ao redor do jardim para descobrir se Beatrice ou seu

pai estava presente e, ao perceber que estava sozinho, começou a fazer uma observação crítica das plantas.

O aspecto de cada uma e de todas lhe desagradava: seu esplendor parecia poderoso, ardente e até mesmo anormal. Era difícil encontrar um arbusto que um transeunte, vagando sozinho por uma floresta, não estranharia de encontrar no mundo selvagem, como se um vulto sobrenatural o tivesse encarado do matagal. Vários também teriam chocado um instinto delicado pela aparência de artificialidade, indicando que tinha havido tantos

cruzamentos e, digamos assim, adultérios entre diversas espécies vegetais, que o resultado não era mais um feito de Deus, mas os rebentos monstruosos da ilusão depravada do homem, reluzindo apenas como uma diabólica imitação da beleza. Provavelmente eram o resultado de experimentos que, em um ou dois casos, tiveram sucesso no cruzamento de plantas individualmente belas, transformando-as em uma combinação de caráter duvidoso e nefasto que distinguia toda a vegetação do jardim. Por fim, Giovanni reconheceu apenas duas ou três plantas no meio da vegetação, e

de um tipo que ele sabia muito bem que eram venenosas. Enquanto estava ocupado com essas contemplações, ele ouviu o farfalhar de um tecido sedoso e, ao se virar, viu Beatrice saindo pelo pórtico esculpido.

Giovanni não tinha pensado em como seria sua conduta: se deveria pedir desculpas pela invasão ao jardim ou considerar que estava ali com o conhecimento, no mínimo, ou talvez pela vontade do dr. Rappaccini ou de sua filha. Mas os modos de Beatrice o puseram à vontade, embora ainda deixassem nele uma dúvida quanto à

autoridade pela qual sua entrada ali tinha sido permitida. Ela seguiu com leveza pela aleia e o encontrou perto da fonte em ruínas. Havia surpresa no rosto dela, mas iluminada por uma expressão simples e gentil de prazer.

— O *signor* é um bom conhecedor das flores — disse Beatrice com um sorriso, fazendo referência ao ramalhete que ele havia jogado para ela pela janela. — Não é de surpreender, portanto, que a rara coleção do meu pai o tenha instigado a vê-la mais de perto. Se ele estivesse aqui, poderia lhe contar vários fatos estranhos e

interessantes quanto à natureza e aos hábitos desses arbustos, pois ele passou a vida inteira estudando isso, e este jardim é o mundo dele.

— E a *signora* — observou Giovanni —, se a fama for verdadeira, também é profundamente conhecedora das virtudes indicadas por essas suntuosas flores e essas intensas fragrâncias. Se quisesse se dignar a ser minha instrutora, eu provaria ser um aluno mais dedicado do que se recebesse os ensinamentos do próprio dr. Rappaccini.

— Existem esses rumores tão sem propósito? — indagou Beatrice com a música de uma risada agradável. — As pessoas dizem que sou instruída na ciência das plantas do meu pai? Que pilhéria! Não. Embora eu tenha crescido entre essas flores, não conheço nada além de suas tonalidades e seus perfumes; e às vezes acho que me livraria de bom grado até mesmo desse parco conhecimento. Há muitas flores aqui, e não as menos esplêndidas, que me chocam e me ofendem quando meu olhar as encontra. Mas peço, *signor*, que não acredite nessas histórias sobre a minha ciência. Não

acredite em nada sobre mim que não seja o que vê com seus próprios olhos.

— E devo acreditar em tudo que tenho visto com meus próprios olhos? — indagou Giovanni de um jeito enfático, enquanto as lembranças de cenas anteriores o faziam se encolher.
— Não, a *signora* exige muito pouco de mim. Ordene que eu não acredite em nada além do que sai de seus próprios lábios.

Parecia que Beatrice o entendia. Um rubor intenso subiu ao seu rosto, mas ela cravou os olhos nos de Giovanni e reagiu à expressão de suspeita

irrequieta com a altivez de uma rainha.

— É o que ordeno, *signor* — respondeu ela. — Esqueça tudo que pode ter imaginado a meu respeito. Embora seja verdade para os sentidos externos, ainda pode ser falso em essência, mas as palavras dos lábios de Beatrice Rappaccini são verdadeiras e brotam das profundezas do coração. Nessas o *signor* pode acreditar.

Um fervor reluziu por toda a expressão dela e irradiou na consciência de Giovanni como a luz da própria verdade. Mas, enquanto ela falava,

havia na atmosfera ao redor uma fragrância profunda e encantadora, embora evanescente, que o jovem, com uma relutância indefinível, mal tinha coragem de aspirar para os pulmões. Poderia ser o aroma das flores. Poderia ser o hálito de Beatrice que embalsamava suas palavras com uma intensidade estranha, como se as impregnasse no coração? Um mal-estar passou como uma sombra sobre Giovanni e logo escapou. Ele parecia olhar para a alma transparente da bela moça através de seus olhos e não sentiu mais dúvida nem medo.

O rubor de arrebatamento que havia colorido as feições de Beatrice evaporou; ela se tornou alegre e pareceu extrair o puro deleite da companhia do jovem, não diferente do que uma virgem de uma ilha deserta poderia sentir ao conversar com um viajante vindo do mundo civilizado. Era evidente que a experiência de vida dela tinha sido confinada aos limites daquele jardim. Ora ela falava de assuntos simples como a luz do dia ou as nuvens de verão e ora fazia perguntas referentes à cidade ou ao lar distante de Giovanni, seus amigos, sua mãe e suas irmãs – perguntas que indicavam

tamanha reclusão e tamanha falta de familiaridade com costumes e comportamentos que Giovanni respondia como se estivesse falando com uma criança. O espírito da donzela jorrava diante dele como um riacho doce que captava seu primeiro vislumbre da luz do sol e se maravilhava com os reflexos da terra e do céu lançados ao seu seio. Também surgiram pensamentos, vindos de uma fonte profunda, e fantasias revestidas de um brilho parecido com o de pedras preciosas, como se diamantes e rubis reluzissem por entre as borbulhas da fonte. De vez em quando, brilhava na mente do

jovem uma sensação de espanto por estar andando lado a lado com o ser que ele havia moldado tanto na sua imaginação, a quem havia idealizado com tantos tons de pavor, em quem ele certamente havia testemunhado manifestações de atributos pavorosos – por estar conversando com Beatrice como um irmão e descobrindo como ela era tão humana e tão pura. Mas essas reflexões eram apenas momentâneas; o efeito da personalidade dela era real demais para não se tornar imediatamente familiar.

Enquanto conversavam livremente, os dois passeavam pelo jardim e, agora, depois de muitas voltas pelas suas alamedas, tinham chegado à fonte em ruínas, ao lado da qual crescia o arbusto magnífico, com seu tesouro de flores reluzentes. Uma fragrância exalava dali, e Giovanni a reconheceu como idêntica àquela que havia atribuído ao hálito de Beatrice, mas incomparavelmente mais poderosa. Quando os olhos dela pousaram na planta, Giovanni a observou pressionando a mão no peito, como se seu coração estivesse pulsando súbita e dolorosamente.

— Pela primeira vez na vida — murmurou ela, se dirigindo ao arbusto —, eu me esqueci de você.

— Eu me lembro, *signora* — disse Giovanni —, que você prometeu me recompensar com uma dessa pedras preciosas vivas em troca do ramalhete que tive a feliz ousadia de jogar aos seus pés. Permita-me colhê-la agora, como uma lembrança desta conversa.

Ele deu um passo em direção ao arbusto com a mão estendida, mas Beatrice lançou-se para a frente, soltando um grito agudo que atravessou o coração dele como um punhal. Ela

pegou a mão dele e a afastou com toda a força contida em seu corpo frágil. Giovanni sentiu nas próprias fibras a vibração do toque dela.

— Não toque nela! — exclamou Beatrice com uma voz agoniada. — Pela sua vida! Ela é fatal!

Depois, escondendo o rosto, ela fugiu dele e desapareceu sob o pórtico esculpido. Quando Giovanni a seguiu com os olhos, viu o vulto macilento e a inteligência pálida do dr. Rappaccini, que observava a cena protegido pela sombra da entrada, mas ele não sabia havia quanto tempo.

Assim que Guasconti se viu sozinho nos seus aposentos, a imagem de Beatrice voltou aos seus devaneios apaixonados, investidos de toda a magia que tinha se formado ao redor dela desde que a vira pela primeira vez, e agora também impregnados com a ternura da jovem moça. Ela era humana; sua índole era provida de todas as qualidades gentis e femininas; ela era digna de ser adorada; era capaz, claro, por parte dela, de um amor sublime e heroico. Esses símbolos que ele até então havia considerado como provas de uma peculiaridade aterradora na constituição física e moral

dela agora ou estavam esquecidos ou, pela sutil argúcia da paixão, tinham sido transformados em uma coroa dourada de encantamento, tornando Beatrice ainda mais admirável, já que a tornavam ainda mais única. O que antes parecia hediondo agora era belo. Ou, se fosse incapaz de tal mudança, tinha fugido e se escondido por entre aqueles meios pensamentos disformes que povoam a região turva fora do alcance da luz da nossa consciência perfeita. E assim ele passou a noite, sem dormir até a aurora começar a despertar as flores letárgicas no jardim do dr. Rappaccini, para onde

os sonhos de Giovanni sem dúvida o conduziam. O sol nasceu na hora certa e, lançando seus raios sobre as pálpebras do jovem, o despertou com uma sensação de dor. Quando estava totalmente acordado, percebeu uma dor de queimadura e coceira na mão – na mão direita –, aquela que Beatrice tinha segurado quando ele estava prestes a colher uma das flores que pareciam pedras preciosas. No dorso dessa mão agora havia uma marca roxa como a de quatro dedos pequenos e a imagem de um polegar delgado no pulso.

Ah, como o amor – ou até mesmo aquela enganadora aparência de amor que floresce na imaginação, mas não cria raízes no coração – como o amor agarra teimosamente seu destino até o instante em que se torna condenado a desaparecer na névoa impalpável! Giovanni envolveu a mão com um lenço e se perguntou qual ser maligno o picara, e logo se esqueceu da dor em seus devaneios com Beatrice.

Depois da primeira conversa, a segunda era o curso inevitável do que chamamos de destino. A terceira, a quarta, e um encontro com Beatrice

no jardim não era mais um incidente na vida cotidiana de Giovanni, mas o próprio espaço onde se podia dizer que ele vivia, pois a expectativa e a lembrança daquela hora arrebatadora completavam as outras. O mesmo acontecia com a filha de Rappaccini. Ela aguardava a chegada do jovem e disparava para o lado dele com uma confiança tão incondicional como se eles tivessem brincado juntos desde a mais tenra infância – como se ainda fossem crianças brincando. Se, por algum problema incomum, ele não chegasse na hora marcada, ela se posicionava sob a janela dele e fazia

a intensa doçura da sua voz subir e flutuar ao redor dele nos aposentos e ecoar e reverberar no seu coração:

— Giovanni! Giovanni! Por que essa demora? Desça logo! — E ele descia apressado para aquele Éden de flores venenosas.

Mas, apesar de toda essa familiaridade íntima, ainda havia uma reserva no comportamento de Beatrice tão rígida e invariavelmente sustentada que a ideia de infringi-la quase não ocorria à imaginação dele. Por todos os sinais reconhecíveis, eles se amavam: tinham observado

o amor com olhos que transmitiam o mistério sagrado das profundezas de uma alma para as profundezas da outra, como se fosse sagrado demais para ser sussurrado incidentalmente; tinham falado de amor naqueles jorros de paixão, quando seus espíritos disparavam em suspiros articulados como línguas de chamas havia muito escondidas; e, ainda assim, não houvera nenhum contato labial, nenhuma mão dada, nem o mínimo carinho que o amor exige e consagra. Ele nunca havia tocado em nenhum dos cachos reluzentes dos cabelos dela. Sua roupa – tão nítida era a barreira

física entre os dois – nunca havia roçado nele ao sopro de uma brisa. Nas poucas ocasiões em que Giovanni parecia tentado a ultrapassar o limite, Beatrice ficava tão triste, tão séria e, ao mesmo tempo, com uma expressão de separação desolada, estremecendo com essa perspectiva, que nem uma palavra precisava ser dita para afastá-lo. Nesses momentos, ele ficava assustado com as terríveis suspeitas que surgiam, como um monstro, das cavernas de seu coração e o encaravam. Seu amor diminuía e enfraquecia como a névoa matinal, e apenas suas dúvidas tinham substân-

cia. Mas, quando o rosto de Beatrice se iluminava de novo depois da sombra momentânea, ela se transformava e não era mais um ser misterioso e questionável que ele observava com tanto fascínio e pavor; era, mais uma vez, a bela e simplória moça que ele sentia que seu espírito conhecia com uma certeza mais forte que todos os outros conhecimentos.

Um tempo considerável tinha se passado desde o último encontro de Giovanni com Baglioni. No entanto, certa manhã, foi desagradavelmente surpreendido por uma visita do pro-

fessor, em quem mal tinha pensado durante semanas e gostaria de ter esquecido por mais tempo. Considerando que havia muito tempo que estava rendido a uma empolgação avassaladora, ele não conseguia tolerar nenhuma companhia, exceto com a condição de que elas tivessem uma sincronia perfeita para com seu atual estado de espírito. Não se podia esperar essa sincronia do professor Baglioni.

O visitante tagarelou de maneira indiscreta durante alguns minutos sobre as fofocas da cidade e da uni-

versidade, depois se voltou para outro assunto.

— Estou lendo um antigo autor clássico nos últimos dias — disse ele — e encontrei uma história que estranhamente me interessou. Talvez você se lembre dela. Fala de um príncipe indiano que enviou uma bela mulher de presente para Alexandre, o Grande. Era bela como a aurora e esplendorosa como o poente, mas o que a distinguia especialmente era um perfume intenso no hálito: mais intenso que o de um jardim de rosas persas. Alexandre, como era natural

a um jovem conquistador, apaixonou-se à primeira vista por aquela desconhecida magnífica. Mas um médico muito sábio, que por acaso estava presente, descobriu um segredo terrível relacionado a ela.

— E qual era? — indagou Giovanni, baixando os olhos para evitar os do professor.

— Essa adorável mulher — continuou Baglioni, com ênfase — tinha sido alimentada com venenos desde seu nascimento, até que todo o seu organismo estava tão imbuído deles que ela acabou se tornando o veneno

mais mortal que existia. O veneno era seu elemento vital. Com esse perfume intenso no hálito, ela destruía o próprio ar. O amor dela teria sido um veneno; seu abraço, a morte. Não é uma história maravilhosa?

— Uma fábula infantil — respondeu Giovanni, se levantando da cadeira com um pulo nervoso. — Fico admirado de como o nobre professor encontra tempo para ler essas bobagens em meio aos seus estudos mais sérios.

— A propósito — disse o professor, olhando preocupado ao redor —, que

fragrância esquisita é esta no apartamento? É o perfume das suas luvas? É fraco, mas delicioso. Apesar disso, não é nem um pouco agradável. Se eu tivesse que respirá-lo por muito tempo, acho que me deixaria doente. É como o hálito de uma flor, mas não vejo flores no aposento.

— Não há nenhuma — respondeu Giovanni, que tinha ficado pálido enquanto o professor falava —, e também acho que não há nenhuma fragrância exceto na imaginação do nobre professor. Os odores, sendo um tipo de elemento que combina o sen-

sorial e o espiritual, conseguem nos iludir dessa maneira. A lembrança de um aroma, a simples ideia dele, pode ser facilmente confundida com uma realidade presente.

— Sim, mas minha imaginação sóbria não costuma me pregar essas peças com frequência — disse Baglioni. — E, se eu imaginasse qualquer tipo de cheiro, seria o de um medicamento farmacêutico nauseante, com o qual meus dedos poderiam facilmente estar impregnados. Nosso honrado amigo Rappaccini, pelo que sei, infunde seus medicamentos com

odores mais fortes do que os arábicos. Sem dúvida, da mesma forma, a bela e instruída *signora* Beatrice administraria aos seus pacientes poções tão doces quanto o hálito de uma donzela; mas ai de quem tomá-las!

O rosto de Giovanni revelava muitas emoções contraditórias. O tom no qual o professor tinha feito alusão à pura e adorável filha de Rappaccini era uma tortura para sua alma. Apesar disso, a advertência velada a um aspecto da personalidade de Beatrice contrária à dele deu uma clareza instantânea a mil suspeitas turvas,

que agora faziam caretas para ele como muitos demônios. Mas ele se esforçou para reprimi-las e responder a Baglioni com a fé perfeita de um verdadeiro apaixonado.

— *Signor* professor — disse ele —, o senhor foi amigo do meu pai. Talvez seja seu objetivo desempenhar um papel amistoso em relação ao filho dele. De bom grado eu não desejaria sentir nada pelo senhor que não fosse respeito e deferência, mas rogo que o *signor* observe que há um assunto sobre o qual não devemos conversar. O nobre professor não conhece a *signora*

Beatrice. Portanto, não pode avaliar o mal, ou a blasfêmia, eu poderia até dizer, que faz à reputação dela com uma palavra leviana ou ofensiva.

— Giovanni! Meu pobre Giovanni! — respondeu o professor com uma expressão calma de piedade. — Conheço essa moça miserável muito melhor do que você. E você precisa ouvir a verdade em relação ao envenenador Rappaccini e sua filha venenosa. Sim, tão venenosa quanto linda. Escute, pois: mesmo que você cometa uma violência contra os meus cabelos grisalhos, isso não vai me silenciar. A

antiga fábula da mulher indiana tornou-se verdadeira pela ciência profunda e fatal de Rappaccini e na pessoa da formosa Beatrice.

Giovanni grunhiu e escondeu o rosto.

— O pai dela — continuou Baglioni — não foi refreado, pelo afeto natural, de oferecer a filha dessa maneira terrível como vítima de seu zelo insano pela ciência. Sejamos justos: ele é um homem da ciência tão fiel que seria capaz de destilar o próprio coração num alambique. Qual será, então, o seu destino? Sem sombra de dúvida

você foi escolhido como material de algum experimento novo. Talvez o resultado seja a morte; talvez um destino ainda mais terrível. Tendo diante dos olhos o que chama de interesse da ciência, Rappaccini não vai hesitar por nada.

— É um sonho — murmurou Giovanni para si mesmo —, tenho certeza de que é um sonho.

— Mas — continuou o professor — anime-se, filho do meu amigo. Ainda não é tarde demais para salvá-lo. Talvez possamos até conseguir trazer de volta aquela moça miserável para

dentro dos limites da natureza ordinária, da qual a loucura do próprio pai a alienou. Veja este pequeno frasco de prata! Foi forjado pelas mãos do renomado Benvenuto Cellini e é digno de ser um presente de amor para a dama mais linda da Itália. Mas seu conteúdo é inestimável. Um pequeno gole deste antídoto teria tornado inócuos os mais virulentos venenos dos Bórgias. Não duvide que será igualmente eficaz contra os de Rappaccini. Entregue o frasco e o precioso líquido contido nele a sua Beatrice e aguarde o resultado com esperança.

Baglioni pousou um frasco de prata pequeno e lindamente forjado sobre a mesa e saiu porta afora, deixando que suas palavras produzissem algum efeito na mente do jovem.

Ainda vamos derrotar Rappaccini, pensou ele, rindo consigo mesmo enquanto descia a escada. *Mas confessemos a verdade: ele é um homem extraordinário, verdadeiramente extraordinário. No entanto, é um empírico vil na profissão e, portanto, não pode ser tolerado por aqueles que respeitam as boas e velhas regras da medicina profissional.*

Ao longo de toda a relação de Giovanni com Beatrice, ele ocasionalmente tinha sido, como já dissemos, perseguido por suspeitas sombrias relacionadas à personalidade dela. Mas ela havia se mostrado uma criatura tão minuciosamente simples, natural, muito afetuosa e ingênua que a imagem agora apresentada pelo professor Baglioni parecia estranha e inacreditável, como se não estivesse de acordo com a própria concepção original dele. A verdade é que havia lembranças horríveis conectadas aos seus primeiros vislumbres da bela moça. Ele não conseguia se esquecer

do ramalhete que havia murchado quando ela o pegou nem do inseto que perecera sob o ar ensolarado sem nenhuma causa visível que não fosse a fragrância do hálito dela. No entanto, esses incidentes, dissolvendo-se à pura luz da personalidade dela, não tinham mais a eficácia dos fatos, mas eram reconhecidos como fantasias enganosas pelo testemunho dos sentidos aos quais poderiam parecer consubstanciados.

Existe alguma coisa mais verdadeira e mais real do que aquilo que podemos ver com os olhos e tocar com

os dedos. Giovanni tinha fundado sua confiança em Beatrice em evidências melhores, mais pela força necessária dos belos atributos dela do que por uma fé profunda e generosa por parte dele. Mas agora seu espírito era incapaz de se sustentar na altura à qual o entusiasmo precoce da paixão o tinha exaltado. Ele desabou, prostrando-se entre dúvidas terrenas, e profanou a imaculada candura da imagem de Beatrice. Não que tivesse desistido dela; ele apenas desconfiava. Decidiu instituir um teste decisivo que identificaria, de uma vez por todas, se realmente existiam na natureza física

dela aquelas peculiaridades apavorantes que não poderiam existir sem uma monstruosidade correspondente na alma. Seus olhos, contemplando de longe, podem tê-lo enganado quanto ao lagarto, ao inseto e às flores. Mas, se ele pudesse testemunhar, à distância de alguns passos, a deterioração súbita de uma flor fresca e viçosa na mão de Beatrice, não haveria mais espaço para questionamentos. Com essa ideia, ele se apressou até o florista e comprou um ramalhete ainda salpicado com as gotas do orvalho matinal.

Estava na hora de sua costumeira conversa diária com Beatrice. Antes de descer para o jardim, Giovanni não conseguiu deixar de se olhar no espelho – uma vaidade esperada em um belo jovem, mas que, mostrando-se naquele momento perturbado e febril, era o símbolo de certa superficialidade de sentimentos e desonestidade de caráter. No entanto, ele olhou e disse para si mesmo que suas feições nunca tinham tido uma graciosidade tão profunda, nem seus olhos tanta vivacidade, nem suas bochechas uma tonalidade tão intensa de vida superabundante.

Pelo menos, pensou, *o veneno dela ainda não se infiltrou no meu organismo. Não sou uma flor perecendo ao seu toque.*

Com esse pensamento, voltou o olhar para o ramalhete, que não tinha soltado em nenhum momento. Um tremor de pânico indefinível disparou pelo seu corpo ao perceber que as flores orvalhadas já estavam começando a murchar. Tinham o aspecto de coisas que estavam frescas e adoráveis na véspera. Giovanni embranqueceu como mármore e ficou imóvel diante do espelho, encarando

seu próprio reflexo ali como se encarasse a probabilidade de alguma coisa assustadora. Lembrou-se do comentário de Baglioni sobre a fragrância que parecia impregnar o aposento. Devia ser o veneno de seu próprio hálito!

Em seguida, ele estremeceu... estremeceu vendo a si mesmo. Recuperando-se desse torpor, começou a observar com curiosidade uma aranha que estava ocupada pendurando sua teia na cornija antiga do apartamento, cruzando e recruzando o habilidoso sistema dos fios entrelaçados – uma aranha tão vigorosa e ativa quanto

qualquer uma pendurada num teto antigo. Giovanni se inclinou em direção ao inseto e deu um sopro profundo e demorado. A aranha parou seu trabalho imediatamente. A teia vibrou com um tremor que se originava no corpo da pequena artesã. Dessa vez, Giovanni deu um sopro mais profundo, mais demorado e imbuído com um sentimento venenoso que saía de seu coração: ele não sabia se era maligno ou apenas desesperado. A aranha fez um movimento convulsivo com as patas e ficou pendurada morta na janela.

— Maldito! Maldito! — murmurou Giovanni, dirigindo-se a si mesmo. — Como você ficou tão venenoso que esse inseto mortal pereceu sob seu hálito?

Nesse instante, uma voz melodiosa e doce subiu flutuando do jardim.

— Giovanni! Giovanni! Já passou da hora! Por que essa demora? Desça logo!

— Sim — murmurou Giovanni mais uma vez. — Ela é o único ser que meu hálito não pode matar! Quisera pudesse!

Ele desceu apressado e, em um instante, estava diante dos olhos brilhantes e amorosos de Beatrice. Um minuto antes, sua ira e seu desespero eram tão violentos que ele nunca havia desejado tanto algo quanto agora desejava fazê-la murchar com um olhar. Mas, com a presença dela, surgiam influências tão reais que ele não conseguia afastar de imediato: lembranças do poder delicado e benigno da sua natureza feminina, que tantas vezes o envolvera em uma serenidade religiosa; lembranças de um jorro sagrado e apaixonado do coração dela, quando a fonte pura tinha sido

liberada de suas profundezas e se tornado visível em sua transparência para o olhar mental dele; lembranças que, se Giovanni soubesse estimá-las, teriam lhe assegurado que todo aquele mistério horroroso era apenas uma ilusão terrena e que, apesar da névoa de maldade que parecia ter se acumulado sobre ela, a verdadeira Beatrice era um anjo celestial. Por mais que ele fosse incapaz dessa fé elevada, a presença dela ainda não havia perdido totalmente sua magia.

A ira de Giovanni foi aplacada, assumindo um aspecto de insensi-

bilidade sombria. Beatrice, com uma rápida percepção espiritual, sentiu imediatamente que havia um abismo de escuridão entre eles que nenhum dos dois poderia transpor. Eles caminharam juntos, tristes e silenciosos, e chegaram à fonte de mármore e ao tanque de água no chão, perto da qual crescia o arbusto de flores parecidas com pedras preciosas. Giovanni ficou assustado com o prazer ávido – o apetite, na verdade – com que se viu inalando a fragrância das flores.

— Beatrice — perguntou ele abruptamente —, de onde veio este arbusto?

— Meu pai o criou — respondeu ela com simplicidade.

— Criou! Criou! — repetiu Giovanni. — O que você quer dizer, Beatrice?

— Ele é um homem profundamente conhecedor dos segredos da natureza — respondeu Beatrice. — E, no instante em que respirei pela primeira vez, essa planta nasceu no solo, fruto da sua ciência, do seu intelecto, enquanto eu era apenas sua filha de sangue. Não se aproxime dela! — continuou, observando com pavor que Giovanni estava chegando perto do

arbusto. — Ela tem qualidades com as quais você nem sonha. Mas eu, querido Giovanni, eu cresci e me desenvolvi com essa planta e fui alimentada pelo seu hálito. Ela era minha irmã, e eu a amava com um afeto humano, pois, ai de mim!, você ainda não suspeitou?, havia uma maldição terrível.

Giovanni franziu a testa de um jeito tão sombrio que Beatrice fez uma pausa e estremeceu. Mas a fé que ela depositava na ternura dele a tranquilizou e a fez corar por ter duvidado sequer por um instante.

— Havia uma maldição terrível — continuou —, consequência do amor fatal do meu pai pela ciência, que me afastou de toda a companhia da minha espécie. Até o Céu ter mandado você, querido Giovanni, ah, sua pobre Beatrice era muito solitária!

— Era uma maldição difícil? — perguntou Giovanni, cravando os olhos nela.

— Só nos últimos tempos eu descobri o quanto era difícil — respondeu ela com ternura. — Ah, mas meu coração estava entorpecido e, portanto, tranquilo.

A ira de Giovanni disparou da sua melancolia lúgubre como um raio saindo com faíscas de uma nuvem escura.

— Maldita! — gritou ele com desprezo e raiva venenosos. — E, achando sua solidão monótona, você também me privou de todo o calor da vida e me arrastou para sua região de pavor inexprimível!

— Giovanni! — exclamou Beatrice, voltando os grandes olhos brilhantes para o rosto dele. A força das palavras dele não tinham encontrado o cami-

nho até a mente da jovem moça. Ela só estava estupefata.

— Sim, coisa peçonhenta! — repetiu Giovanni, fora de si de tanta emoção. — Você fez isso! Você me destruiu! Encheu-me as veias de veneno! Tornou-me uma criatura tão odiosa, tão horrível, tão abominável e tão fatal quanto você mesma: um assombro de hedionda monstruosidade para o mundo! Agora, se nosso sopro for tão fatal para nós quanto para todos os outros, vamos unir nossos lábios em um beijo de ódio inexprimível e assim morrer!

— O que foi que me sucedeu? — murmurou Beatrice com um gemido baixo escapando do coração. — Virgem Santa, tende piedade de mim, uma pobre criança de coração partido!

— Você… está rezando? — gritou Giovanni, com o mesmo desprezo infernal. — Suas preces, saindo de seus lábios, espalham a morte na atmosfera. Sim, sim, vamos rezar! Vamos até a igreja para mergulhar os dedos na água benta da entrada! Aqueles que vierem depois de nós vão perecer como se tivessem contraído a peste! Vamos fazer o sinal da cruz no ar! Ele

vai espalhar maldições em forma de símbolos sagrados!

— Giovanni — disse Beatrice, calmamente, pois seu sofrimento ia além da tristeza —, por que se juntou a mim com essas palavras tão terríveis? É verdade, eu sou esse ser horrível que você diz. Mas você... o que tem a fazer, além de sair deste jardim com um arrepio de pavor diante da minha desgraça repugnante e se misturar à sua raça e se esquecer que um dia rastejou na Terra um monstro como a pobre Beatrice?

— Você está fingindo ignorância? — perguntou Giovanni, fazendo uma careta ameaçadora. — Veja! Este poder eu recebi da filha pura de Rappaccini.

Havia um enxame de insetos de verão adejando pelo ar em busca do alimento prometido pelo perfume das flores do jardim fatal. Eles circulavam ao redor da cabeça de Giovanni e foram evidentemente atraídos em direção a ele pela mesma influência que os atraíra por um instante para diversos arbustos. Ele expeliu um sopro sobre eles e deu um sorriso amargo para Beatrice quando pelo

menos uns vinte insetos caíram mortos no chão.

— Estou vendo! Estou vendo! — Beatrice soltou um grito agudo. — É a ciência fatal do meu pai! Não, não, Giovanni, não fui eu! Nunca! Nunca! Eu apenas sonhei em amá-lo e em estar com você por pouco tempo, até sua partida, deixando apenas sua imagem no meu coração. Porque, acredite, Giovanni, embora meu corpo tenha sido alimentado com veneno, meu espírito é criação de Deus e anseia por amor como seu alimento diário. Mas meu pai, ele nos uniu nesse sen-

timento medonho. Sim, me despreze, me pisoteie, me mate! Ah, o que é a morte, depois dessas suas palavras? Mas não fui eu. Nem por um mundo de felicidade eu teria feito isso.

A ira de Giovanni tinha se exaurido ao jorrar de seus lábios. E agora surgia nele uma sensação desoladora e repleta de ternura ligada ao relacionamento íntimo e peculiar entre ele e Beatrice. Os dois ficaram ali, na mais completa solidão, que não se tornaria menos solitária pela aglomeração mais densa de vida humana. Não deveria, então, o deserto de humanidade ao

redor deles aproximar o casal isolado? Se ambos fossem cruéis um com o outro, quem seria gentil com eles?

Além disso, pensou Giovanni, *não poderia haver uma esperança de ele voltar aos limites da natureza comum e conduzir Beatrice, a redimida Beatrice, pela mão?*

Ó, espírito fraco, egoísta e indigno, que poderia sonhar com uma união terrena e uma felicidade terrena como se fossem possíveis depois de um amor tão profundo ter sido tão amargamente injustiçado como foi o amor de Beatrice pelas palavras infames

de Giovanni! Não, não, não poderia existir essa esperança. Ela precisava transpor com dificuldade, com aquele coração despedaçado, as fronteiras do tempo – precisava banhar suas feridas em uma fonte do paraíso e se esquecer do sofrimento à luz da imortalidade e ALI ficar feliz.

Mas Giovanni não sabia disso.

— Querida Beatrice — disse, aproximando-se, enquanto ela se encolhia como sempre quando ele se aproximava, mas agora movida por um impulso diferente. — Minha querida Beatrice, nosso destino ainda não é tão

desesperado. Veja! Existe um medicamento poderoso, como me garantiu um médico sábio, e quase divino em termos de eficácia. É composto de ingredientes bem opostos àqueles por meio dos quais seu pai repugnante provocou essa calamidade em você e em mim. É destilado a partir de ervas abençoadas. Não devemos tomá-lo juntos e, assim, sermos purificados do mal?

— Dê-me! — disse Beatrice, estendendo a mão para receber o pequeno frasco de prata que Giovanni tirou do peito. E acrescentou, com uma ênfase

peculiar: — Vou beber, mas espere o resultado.

Ela levou o antídoto de Baglioni aos lábios; e, ao mesmo tempo, o vulto de Rappaccini apareceu no pórtico e seguiu lentamente em direção à fonte de mármore. Conforme se aproximava, o pálido homem da ciência pareceu contemplar com uma expressão triunfante o belo jovem e a donzela, como poderia fazer um artista que passasse a vida toda criando um quadro ou um grupo de estátuas e finalmente se sentisse satisfeito com seu sucesso. Ele parou. Sua forma encurvada ficou

ereta com um poder consciente. Ele estendeu as mãos para eles na atitude de um pai rogando uma bênção sobre os filhos, mas aquelas eram as mesmas mãos que tinham lançado o veneno no fluxo de vida de ambos. Giovanni estremeceu. Beatrice tremeu, nervosa, e levou a mão ao coração.

— Minha filha — disse Rappaccini —, você não está mais sozinha no mundo. Colha uma dessas pedras preciosas da planta que é sua irmã e ordene que seu noivo a use no peito. Ela não vai causar nenhum mal a ele agora. Minha ciência e o relacio-

namento entre você e ele estão tão entranhados no organismo dele que seu noivo agora está tão distante dos homens comuns quanto você, filha do meu orgulho e do meu triunfo, está das mulheres comuns. Sigam, então, pelo mundo, ambos adorados um pelo outro e temidos por todos os demais!

— Meu pai — disse Beatrice, fraca e mantendo a mão no coração —, por que você infligiu essa maldição miserável sobre sua filha?

— Miserável? — exclamou Rappaccini. — O que quer dizer, moça tola? Você acha uma miséria ser favorecida

com dons maravilhosos contra os quais nenhum poder ou força pode beneficiar um inimigo? É miséria ser capaz de vencer os mais fortes com um sopro? É miséria ser tão terrível quanto é linda? Você preferia a condição de uma mulher fraca, exposta a todos os males e capaz de nenhum?

— Eu gostaria de ser amada, não temida — murmurou Beatrice, desfalecendo no chão. — Mas agora não importa. Estou indo, meu pai, para onde o mal que você se esforçou para misturar ao meu ser vai se extinguir como um sonho, como a fragrância

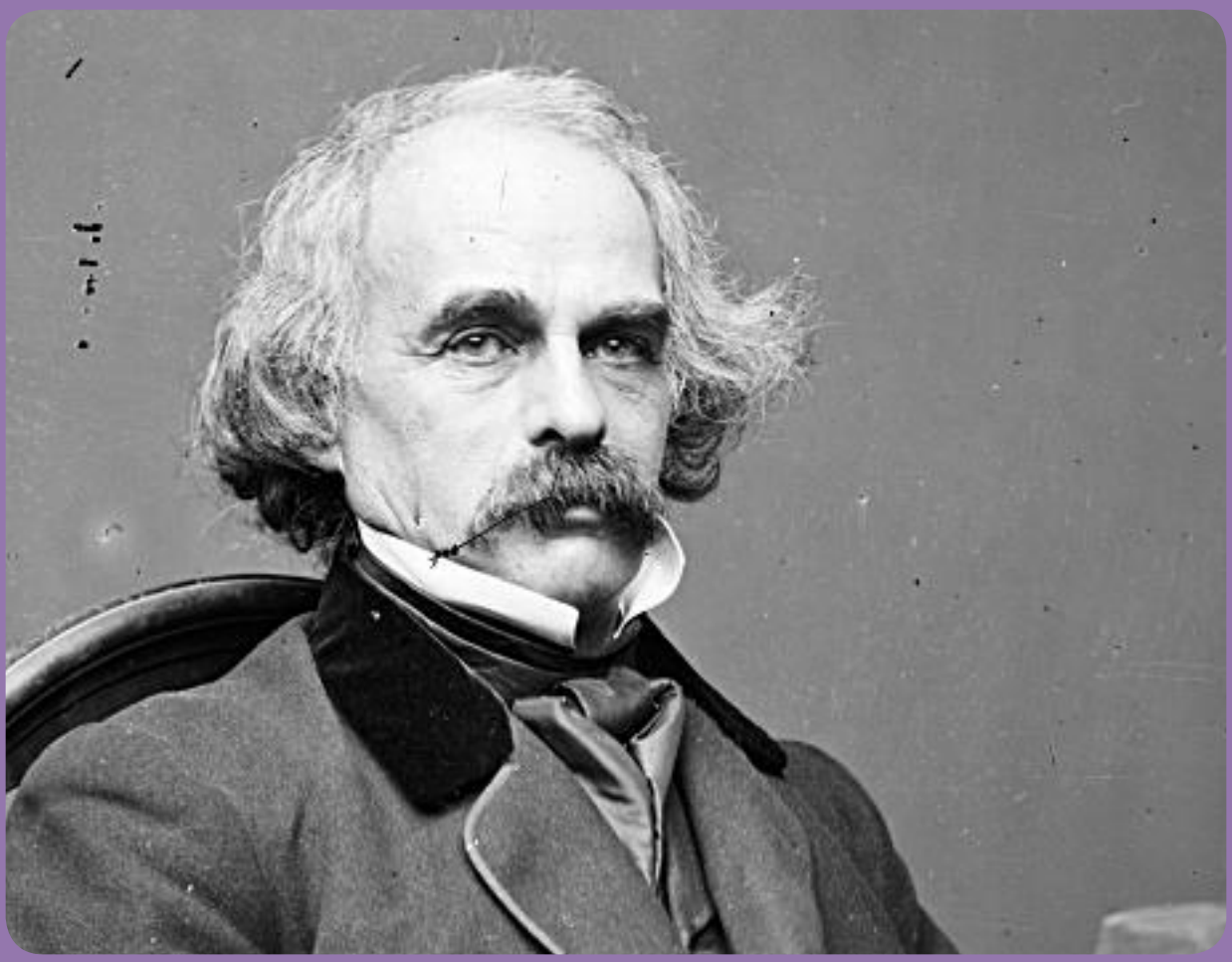
dessas flores venenosas, que não mais perfumarão meu hálito entre as flores do Éden. Adeus, Giovanni! Suas palavras de ódio são como chumbo no meu coração, mas também vão se extinguir enquanto eu me elevo. Ah, será que não havia, desde o início, mais veneno na sua natureza do que na minha?

Para Beatrice – cuja parte terrena tinha sido tão radicalmente moldada pelas habilidades de Rappaccini –, assim como o veneno era a vida, o poderoso antídoto era a morte. E, assim, a pobre vítima da engenhosi-

dade humana, da natureza frustrada e da fatalidade que corresponde a todos os esforços da sabedoria pervertida, pereceu ali, aos pés do pai e de Giovanni. Bem naquele instante, o professor Pietro Baglioni olhou pela janela e gritou bem alto, em tom de triunfo misturado com pavor, para o aturdido homem da ciência:

— Rappaccini! Rappaccini! ESSE é o resultado do seu experimento!

The End



Nathaniel Hawthorne

Nathaniel Hawthorne, nascido em Salem em 1804 foi um escritor norte-americano, considerado o primeiro grande escritor dos Estados Unidos e o maior contista de seu país. É autor de *A Letra Escarlate*.

Profissionais que trabalharam no resgate deste conto



Cláudia Mello Belhassof

TRADUÇÃO

Tradutora de inglês para português desde 2003, com mais de 80 livros traduzidos. Especializada em diversos gêneros. Palestrante em congressos profissionais.

@claudiamello



Cristina Lasaitis

PREPARAÇÃO

É escritora, tradutora, revisora, leitora crítica, editora e ainda surfa e cuida de aquários.

@crislasaitis



Karine Ribeiro

REVISÃO

Escritora, tradutora, revisora e leitora crítica, graduanda em Letras – Tradução pela UFMG.

@realkirs



Caroline Murta

ILUSTRAÇÃO

Artista Visual, Gravurista e Ilustradora. Seu interesse temático orbita entre assuntos acerca do fantástico, mistério, a morte e suas representações.

@carolinemvrta



Marina Avila

PROJETO GRÁFICO

Produtora editorial e fundadora da Wish. Trabalha com capas e diagramações. **@marinalivros**



Valquíria Vlad

GERENTE DE MARKETING E EDITORA-ASSISTENTE

Escritora, pesquisadora e publicitária formada pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

@valquiriavlad

O livro do próximo semestre

Para os amantes de suspense, o e-book do próximo semestre já está em tradução: *O Anel dos Löwensköld* é um mistério além-túmulo com um anel amaldiçoado, escrito pela sueca vencedora do Nobel de Literatura, Selma Lagerlöf.

Previsão de envio do e-book: Abril/2021

Muito obrigada por apoiar este financiamento coletivo!

Neste mês foi possível viabilizar a curadoria, tradução, revisão e ilustração do conto *Rappaccini's Daughter*, original de 1844! A cada mês de assinatura, a Wish continuará resgatando os tesouros do passado em novas edições para os sócios das Relíquias Literárias.

Vamos resgatar estes contos raros juntos?

Relíquia 007/Out 2020